

J O R G E V Í T O R

N A S C E U

u m m a l t ê s !

CONTOS

PÓRTO - 1942

LIVRARIA JOAQUIM MARIA DA COSTA

CADERNOS AZUIS

Shi

●
**Cadernos
Azuis**

coleção
de cultura
viva

1 volume
por mês

S|hi

CADERNOS AZUIS

PUBLICADOS

- 1 — O CINEMA EM MARCHA, *Ensaio* — Manuel de Azevedo.
- 2 — A ARTE E A VIDA, *Conferência* — António Ramos de Almeida.
- 3 — AURORA E CREPÚSCULO DUMA IDADE, *Ensaio* — Júlio Filipe.
- 4 — NASCEU UM MALTÊS!, *Contos* — Jorge Vitor.

A SEGUIR

HISTÓRIA BREVE DUMA TEORIA — A RELATIVIDADE,
por Duarte Pires de Lima.

→ A POESIA MODERNA E A SUA PROJECCÃO NO POVO,
Conferência — João Pedro de Andrade.

J O R G E V Í T O R

NASCEU UM
MALTÊS!

CONTOS

(GRAVURAS EM MADEIRA DE AZEVEDO)



CADERNOS AZUIS

LIVRARIA JOAQUIM MARIA DA COSTA

PÔRTO / 1942

PORTUGUESA

MARIA JOAQUIM

MARIA JOAQUIM

COLEÇÃO



COLEÇÃO

MARIA JOAQUIM

Imprensa Portuguesa / Rua Formosa, 108-116 / PORTO



NOTA PREFACIAL

Sendo os «Cadernos Azuis» uma colecção destinada a dar ao leitor, tanto quanto possível, uma idéa concreta dos problemas mais prementes dos nossos dias; tendo os seus volumes por finalidade mostrar o panorama das actividades humanas que, no choque dos seus contrários, indicam o caminho evolutivo do nosso mundo — está plenamente justificada a inclusão, intervalada, da modalidade «conto e novela» no seu programa. Efectivamente, não podemos ignorar a importância enorme que qualquer literatura assume na formação cultural dos homens, quando essa literatura é bem do seu tempo e mergulha fundo na vida. Quere dizer, quando corresponde às solicitações do ambiente a que se destina e que, afinal, a determinou.

E é precisamente na nossa época, por várias razões (em que avulta a diminuição progressiva do analfabetismo), que a influência das obras literárias atinge maior significado social. Mas a principal razão está no facto de assistirmos a uma indiscutível revitalização da literatura e até, mais do que isso, a uma revisão do próprio conceito do «literário». A literatura contemporânea tende

a ser uma afirmação positiva, em que a realidade é encarada, pela consciência nova dos escritores de hoje, como único objecto digno de criação e de interesse.

A prova de que as obras literárias são condicionadas pela realidade está na maneira irregular como o novo realismo se tem manifestado nas diferentes partes do mundo: tomando aspectos diferentes de acôrdo com as variações do meio ambiente e afirmando-se antes ou depois conforme a agudeza que as contradições da realidade atingem neste ou naquele ponto.

Assim é que, por exemplo, o romance neo-realista atinge na América do Norte a maturidade, com os seus vinte anos de existência — reflexo dum espantoso mundo contraditório criado pelo progresso técnico, desacompanhado de uma correspondente estruturação social adequada. Ao passo que no Brasil, país desabrochando apenas do seu primitivismo sertanejo, sòmente há escassa meia dúzia de anos êsse romance surgiu, com a impetuosidade um pouco ingénua e a sua quota parte de lirismo, de uma geração de literatos notáveis, que nos dão a realidade brasileira através das suas sensibilidades poéticas, mais do que através de processos literários de romancistas conscientes do seu ofício e da sua missão.

Em Portugal, pelas razões especiais e conhecidas de ambiente, a literatura tem sido apenas passatempo de élités. Os casos isolados de Camilo, Eça, Júlio Diniz, Ferreira de Castro e em parte Aquilino, mal chegam a desmentir o facto.

Mas o clima cultural, social e económico começava a ser outro, criando uma receptividade nova e ampla no grande público. Ora a esta solicitação exterior não se

correspondeu com uma criação literária de larga projecção. E isto porque pontificava neste período uma geração intelectual, com fulcro na «presença», de formação livresca e ultrapassada. (A vida condicionara já consciências bem diferentes das dos seus representantes). E essa geração gasta-se inglôriamente na elaboração continua e teimosa duma literatura interiorista, aristocrática e decadente, sem conseguir interessar sequer o nosso público médio. Esboça-se, cada vez mais forte, um movimento crítico, doutrinador mesmo, batalhando pelo revigoramento e pela humanização da nossa produção literária. É o panorama dos últimos anos.

Uma nova geração aparece agora, trabalhada pelas inquietações de tôda a gente e consciente das suas responsabilidades. Começam a surgir as primeiras obras dum neo-realismo português que, apesar das hesitações naturais, conta já com valores positivos.

Jorge Vitor apresenta-se como um precursor nesta procura de caminho, com uma voz segura e quâsi profética da literatura que começa.

Nasceu um Maltês!, mais do que pequenos contos, é uma amostra de real valor de um romance, do grande romance da vida do Alentejo dos nossos dias, que Jorge Vitor nos pode dar e que melhor do que nenhum outro está indicado para escrever.

MANUEL DE AZEVEDO.



P I Q U E N I Q U E

Num dia quente e belo dêste Maio pagão que está correndo, as senhoras quiseram ter um piquenique. Mas a herdade era longe e não poderia ser como os piqueniques de outrora. Que pena!

Nesses piqueniques de outrora, os rapazes, as meninas e até mesmo algumas senhoras casadas mas ainda jovens iam de burro; e apenas venerandas matronas pesadas de gordura e fortuna seguiam nas carretas, juntamente com as criancinhas e bem fornecidos cêstos de comida.

O rapazio e mulherio de tôdas as travessas e becos da vila juntava-se para ver partir a alegre caravana. Ao montar nos burros, as meninas davam gritinhos histé-

ricos de mêdo e gôzo, mêdo de cair dos burros, gôzo de cair no contacto dos braços namorados que as amparavam ao montar. Da antiga e saúdosa cavalaria, aos modernos baronetes e respectivas dulcinéias apenas restava aquilo : as burricadas.

Zurravam infernalmente os jericos, suspeitando fêmea na récuá. Mas eram bem tolos, porque ninguém se atrevia a trazer burra em burricada de senhoras ! Pois se mesmo assim os bichos zurravam escandalosamente e exhibiam as mais impróprias atitudes !

As pequenas vinham vestidas frescamente, quanto o permitia a severa moral de ante-guerra em matéria de *toilettes*. Chapéus de palha de largas abas para defender do sol, enfeitados de flores e de fitas de sêda, blusas leves, vaporosas, e curta saia. Pareciam outras, mais alegres, mais viçosas e animadas, as pobres Julietas todo o ano enclausuradas nos palacetes da vila. Raras queriam ir de cadeirinha, antes corajosamente montavam sentadas nas albardas, como nossa senhora viajou para Belém. Amazonas não as havia ao tempo, pois nem por sonhos alguma senhora da província teria o desplante de se escarranchar como homem, abrindo as pernas em público. Abrenúncio !

Mas por mais saúdosista que se seja, é de todo impossível reviver exactamente o passado — e êste piquenique de após-guerra, num quente e pagão dia de Maio, não pôde ser como os de outrora. A herdade ficava longe, havia agora, até lá, magnífica estrada que o proprietário mandara construir durante o recente consulado à frente dos destinos municipais, e por isso os autênticos burros de outrora foram bancados por moder-

níssimos «cavalos» HP de Buicks, Grahams, Hupmobiles e outras marcas de categoria social. As flácidas matronas, as cinéfilas vamps provincianas, os jovens baronetes de sempre, os pequenos e rosados príncipes ainda de peito, e os velhos papás pançudos e terratenientes, arrancaram então sem bucolismos, cada qual de seu castelo, em *limousine* própria. Apenas a criada-gem com os grandes cêstos de comida de todos os tempos seguiu nas carrêtas, partindo muito mais cedo para já se encontrar no destino quando os patrões chegassem.

A herdade tinha um bellissimo «monte», onde não faltavam comodidades, raramente utilizado pelo proprietário, pois quási sempre habitava a casa da vila e, no verão, ociava por luxuosas estâncias e praias.

O almôço fôra projectado para o rural palacete, mas os convidados protestaram alegremente. «Não senhor; no campo como no campo; o almôço deveria ser ao ar livre, à natureza». Foram então para a horta, a dois passos. Estenderam-se toalhas no chão e os convidados sentaram-se na relva, em volta, à sombra duma gigantesca acácia. Criadas trouxeram os pratos frios, já cozinhados da vila: peru assado, roz-beaf, leitão no forno, pastéis, peixe frito, fruta, queijo, bôlos e garrafas-termo com chá e café, vinhos, licores — enfim, iguarias e fartura como no campo jamais se come, senão quando lá vai passear certa gente das vilas.

Fumados os últimos cigarros pelas senhoras e ainda acesos os habanos correspondentes à alta hierarquia dos convidados, a comitiva partiu em visita às instalações da herdade. Viram a vasta abegoaria onde todo o ano

trabalhavam dois carpinteiros nos carros e mais ocharia de lavoira ; foram à oficina de ferreiro com o seu mestre e o malha-ferro que estavam tratando de enxadas e enxadões de arrancar cepa, actuais cruzeiros de tanto bom cristo ; mal assomaram à porta do quartel das beiroas por causa das pulgas ; percorreram longas arramadas para recolha de carros, charruas, grades, tractores, debulhadoras e tôda a mais utensilagem agrícola ; entraram nos enormes palheiros e armazéns de cereal : trigo, aveia, fava, milho, arroz ; passearam nos arruamentos de moradias térreas da criadagem (ganhões, ganadeiros e família de jornal) tôdas na continuação umas das outras, iguaizinhas, muito caiadas de branco, cada qual sua porta e uma fresta, às soleiras um enorme pedregulho e nos interiores, à entrada, cozinha com chaminé baixa, ao lado um poial de potes em cimento e ao fundo apenas outro compartimento com estreita fresta para as trazeiras. Sob aquelas telhas do patrão, conforme podem e fâcilmente se calcula, ali se acomodam as famílias rurais nas fomes do inverno e na bastança veraniega, na saúde e nas maleitas, poucos ou muitos, velhos que a morte traz esquecidos e só a fazer pêso aos filhos que os sustentam, ao lado da bacorada dos crianças, juntos machos e fêmeas, cada casa uma colmeia, todos carne de trabalho e de cria simultâneamente.

Nas ruas do monte vagueavam mocinhos de tôdas as piaras, e às portas apareciam mulheres cumprimentando aquêles seus ricos senhores, cheias de respeito e bisbilhotice. Era na verdade uma colossal instalação,

uma aldeia, uma enorme fábrica agrícola, aquêl monte ainda solarengo.

Foi então que um dos convidados de avultada fortuna em prédios de renda na vila, lealmente reconheceu a própria insignificância, dizendo que o seu amigo grande proprietário, senhor de tudo aquilo, era incomparavelmente mais poderoso do que êle. Esta foi a primeira e justa homenagem que o illustre anfitrião recebeu nesse dia, dos seus pares. Outros de mais altura do que aquêl primeiro amigo a falar, lhe prestariam igual vassalagem.

Vinte carrêtas puxadas a quatro bois aguardavam agora os convidados para darem uma volta à herdade. O grande combóio partiu pachorrentamente e a chiar. Atravessou o pinhal, logo à saída do monte, cortou a meio tôda a extensão do montado secular, seguiu por velhos caminhos e outras vezes a corta-mato, contornou barradas e óptimas fôlhas de trigo, apontoou à extrema do condado, ao sítio de Brejinhos, onde havia um grande alqueive com milho charnequenho semeado, e desceu por ademas e arneiros até à vargem, ao longo da qual veio pela estrada romana, regressando ao monte passadas muitas horas. Percorreram-se léguas, e só assim pôde fazer-se exacta idéia das centenas e centenas de hectares que constituem a principesca herdade, com as suas ricas searas de trigo, as fôlhas de cevadas, fava, grão, milho, os alqueives e pousios, as extensas pastagens, a ceva de numerosos suínos, as grandes tiradas de cortiça, as carvoarias de lenha dos desbastes e arreias anuais, a luxuriante e riquíssima lavra de arroz onde

nesse dia labutava um exército de homens e mulheres na monda e na transplantação.

E ante domínio tão vasto e riqueza tão segura, outro dos convidados deu-se por vencido. Tinha casa bancária na capital de distrito, controlava muitos negócios e actividades mas teve a honestidade de reconhecer ali alto e bom som que o seu amigo grande proprietário, senhor de quanto viram, era indiscutivelmente mais poderoso, também, do que êle mesmo.

Ao chegarem ao monte era quasi sol-pôsto. No horizonte, por trás dum cabeço, a grande roda de lume ia mergulhar até ao dia seguinte, marcando uma escassa trégua a quem trabalha. Dêsse lado todo o céu estava em fogo, rubro e vivo que nem fortes labaredas, mas na outra banda, a oriente, já vinha a calma azul, grave e sombria, de todos os crepúsculos bem ganhos. Em grande cenário e com luz de apoteose os convidados gozaram uma rara hora plena de beleza, grandiosa, das suas vidas ronceiras.

Quando a longa caravana dos vinte carros chegou, viam-se no arneiro perto do monte todos os rebanhos da herdade com os seus pastores e campinos à frente. E ante as carrêtas em fila que o patrão mandara parar, a ordens transmitidas aos moirais pelos campinos a cavalo, desfilaram os rebanhos como um filme de grande metragem, rico de movimento, de alegria e espectacularidade. Passaram as éguas com o seu garanhão de raça no meio delas, relinchando e de cabeça bem erguida ; passou a vacaria, afillhada e alfeira, de raça brava ; seguiram-se os novilhos de várias piasas, negros, levan-

tando nuvens de poesia ; e veio depois o gado miúdo : porcas de criação, alfeirada, os leitões desmamados há pouco, o rebanho das ovelhas, uma cabrada charneque-nha e a meia dúzia de turinas de leite apenas para fartura de casa do patrão. Quantas cabeças de gado? Milhares, como na América dos filmes e dos milionários.

E neste passo do grande dia foi quando outro dos convidados, senhor de Lisboa com milhares de contos em papéis do estado e estrangeiros, grande duque dos conselhos de administração, êle mesmo, emocionado e convicto, teve de reconhecer também que o seu amigo, senhor de quanto acabara de ser visto por todos, era na verdade mais poderoso ainda do que êle.

O piquenique findara. *Finis laus deo*. O sol entretanto sumira-se para a cópula monstruosa mas natural de tôdas as noites. Não havia mais vermelho. Tudo estava a desaparecer no escuro. Apenas se desenhavam contornos.

Felizes e comentando agradavelmente o dia gozado, os convidados entraram nas suas *limousines* para o regresso. Ao descer o caminho do monte cruzaram com o pessoal que vinha do trabalho na vargem, e foi mais um espectáculo que tiveram, já extra-programa. Centenas de trabalhadores vinham pelo caminho, uns para o monte e outros para a vila. Todos apressados, alguns a correr, conversavam aos gritos e muito alegres, apesar de tudo alegres, louvado seja Deus! Os homens vinham a pé nu, calça arregaçada pelo meio da canela, em camisa, coletes ao ombro ; as mulheres traziam saias

subidas pela coxa, calças de ganga até ao tornozelo, também descalças, bamboleando os quadris que nem mulata do Brasil, tanto as novas como as velhas. Rijo sangue. Eram centenas (ratinhos da Beira-Alta, caramelos dos lados de Mira e Cantanhede, corucheiras, mondinas de barlavento do Algarve, e família do sítio) pessoal das cavas, da monda, ganharia de lavoura com as varas ao ombro e os apeiros enfiados, mocinhos da gradagem, e arroseiros de pás de valar entaladas no braço. Compacto exército, todo o numeroso gado de trabalho da herdade. E aqui acabou por reconhecer um último convidado, comandante de guarnição na cidade próxima, ao verificar o domínio do grande proprietário seu amigo sôbre coisas, sôbre gados, sôbre terras, sôbre vidas humanas, de quem tudo dependia e onde era senhor absoluto, que outro não havia poderoso como êle.

Um Deus da paz e da guerra.





T R I B U N A L

Quando entrei na sala do tribunal, apenas para passar tempo duma forçada espera, e me fui sentar na bancada do público, a audiência estava quâsi no fim.

O juiz mandara levantar o réu e lia-lhe a sentença. Depois de considerandos vários, em vista a tais e tais preceitos e com fundamentos que enumerava, era o réu condenado a um ano de prisão.

Depois fêz a prática do costume, com aquela sua voz suave e doce, bonita, de futuro conselheiro, que todos na comarca já conhecíamos e apreciávamos muito. «Condenei-o, porque o réu roubou. As testemunhas e a sua própria confissão demonstraram-no à evidência. Roubou, e quem rouba tem de ser condenado. Aproveite

a lição, e quando terminar a pena e voltar à liberdade torne-se o homem sério e de moral que nesta audiência se provou que não foi. Faço votos pela sua reabilitação futura».

Calou-se sua excelência; a audiência terminara. O público saiu da sala e o réu voltou à cadeia. De que se tratava?

O RÉU

Chamava-se Manuel Inocência. A madrinha de baptismo era D. Inocência e dera-lhe o seu nome. Resíduos medievais — nada mais lhe dera, porém, em tôda a vida.

Tinha quarenta anos, casado, mulher e cinco filhos, seis bôcas ao todo a comer e a vestir. Carreiro de profissão. Segundo o ajuste de S. Miguel a S. Miguel, vencia dez tostões à maior, ou seja um escudo mais do que a jorna corrente para os trabalhadores do rancho. No inverno, pois, quando as jorna regulavam por sete e seis escudos, êle vencia oito e sete, mas nos bons verões atingia doze e mesmo treze, nas quatro ou cinco semanas que duravam as aceifas. Média anual talvez uns oito escudos diários, se tanto — mas o carreiro Manuel Inocência ignorava, tanto como qualquer outro companheiro, o que seja esta arvezada coisa de médias. O que não ignorava, tanto como os mais, era que os ganhos não podiam ser maiormente arrastados.

O Sol fora, tinha de vir encontrar um carreiro com a sua parelha já na lida e era bem escuro quando recolhia à cocheira, principalmente se o trabalho andava

longe. Durante a noite havia que tratar das bÊstas e dormir-lhe ao pé, não houvesse algum percalço aos quatro ou cinco contos que cada muar representava.

Faziam-se os carregos das herdades da casa. Casa Grande, onde servia desde pequeno e já o pai e avós vinham servindo em gerações de carreiros; alqueivava fôlhas de trigo; atalhava e rojava os alqueives; sementava cevadas nas relvas de trigo e enterrava favas à casquinha; enchia assim anualmente os celeiros da casa, passando-lhe ao lombo depois das debulhas centenas de sacos de bom cereal, desde a eira para os armazéns e daqui para a venda. É claro que não havia apenas o lombo do Manuel Inocência, eram vários.

Além do ganho próprio, o filho mais velho, de 13 anos, estava concertado em ajuda dos porcos e vendia quinze escudos e dois alqueires de farinha ao mês. A mulher, com a bacorada dos filhos a tratar, mal podia fazer meias semanas pelas mondas de arroz. Fracos eram nos ganhos, para seis bôcas a comer e corpos a vestir, mesmo rotos e descalços.

A parelha tinha três decas de boa razão diáriamente e êste bom sustento e cuidados do carreiro brioso mantinham-lhe sempre bom cabelo, sem mataduras, e jamais lhe faltavam umas guizeiras festivas nas cabeçadas e umas pontas enfeitando os mulins. Era feliz a parelha, luzidia e gorda, brio e dignidade da Casa Grande, dez contos em qualquer feira. Nada havia a dizer contra Manuel Inocência no seu lugar, aguçoso como era, amigo das «suas» bÊstas, fazendo um rÊgo de quilómetros sem entortar um palmo, apenas bisonho e homem de poucas falas. Eis o réu.

AGORA O QUEIXOSO

Sua excelência nem sabia o que tinha de seu. Umhas heranças atrás de outras, dêle e da mulher provida doutra Grande Casa alentejana, se não chegava o sol a deixar de iluminar os seus domínios, como a D. Carlos V, pouco faltava! Em seu principado de milhares de hectares faziam-se grandes tiradas de cortiça, criavam-se e trabalhavam inúmeras cabeças de gado: vacum, cavalar, suíno e ovinos, havia extensas fôlhas de trigo e uma lavra de arroz de centenas de móios de produção. Milhares de jornais eram pagos cada sábado ao pessoal, enorme exército de trabalhadores, de sob os telhados da Casa e emigrados. Jamais o dinheiro foi escasso naquele patrão. Estava lá para uns bancos, dizia-se. O casaca morava no monte, às temporadas, outras vezes na vila, em Lisboa, nas praias e até ia ao estrangeiro. Todo o pessoal da Casa se gabava de pertencer à mais rica daqueles sítios, e alguns até parecia que traziam o patrão na barriga. Casa Grande aquela. Eis o queixoso.

A JUSTIÇA

O senhor doutor Juiz é o integérrimo magistrado, ornamento dos tribunais portugueses que todos os advogados saúdam nos exórdios das suas espectaculosas orações. De tanto julgar sem errar adquiriu aquela sereníssima confiança de todos os deuses, com vencimento mensal e funções inamovíveis. Um único vício: a pesca,

e relações de mera cortesia na comarca. Apenas uma noite ou outra descia a um bridgezinho cerimonioso em casa de gente grada da vila, com três ou quatro pessoas da maior categoria e cultura. Uma delas era sua excelência Carlos V, que freqüentava praias e até ia ao estrangeiro.

Delegado é o rapaz inteligentíssimo e dinâmico que todos conhecemos modernamente nas comarcas. Uma carreira brilhante em perspectiva, se souber adaptar-se. Activo e simpático, ingressou nos mais recentes e patrióticos institutos locais, faz-se amar em conferências nas academias recreativas, e está já noivo da mais rica herdeira da localidade.

O advogado foi apenas oficioso. Ninguém pode ser julgado sem defesa — eis uma histórica conquista da nossa civilização. ; E dêste modo todos têm igualmente o seu patrono nos tribunais, mesmo quem não possua contos de reis para lhes pagar! Pagar não, remunerar.

Para que falar de escrivães e oficial de diligências?

O CRIME

No seu «padeiro», onde fazia avio semanal de comes e trapos há um ror de anos, o Manuel Inocência não se desenhava dum creto de dois ou três invernos atrasadamente. O logista começou a apertar, a apertar por contas e ameaçava que poria ponto aos fiados. «Os géneros não vinham para a loja de graça, e as letras tinham de ser pagas no vencimento. Senão, ai dêle e dos filhos — e as despesas que êles davam no estudo! Que tivesse paciência, visse lá isso».

Daí a dias o Manuel Inocência vinha vender à loja duas decas de fava, dizendo que era dum ferragial seu que no entanto o honrado logista lhe não conhecia. Na outra semana outras duas decas e mais outras e outras até que o rol atrasado se pôs a direito. A partir dêste momento naquela loja deixaram de comprar a fava do ferragial do Manuel Inocência, e êste mudou de «pai-deiro». Poucos avios passados foi prêso, sabendo-se mais tarde que em grande segrêdo fôra denunciado ao feitor do patrão pelo seu antigo fornecedor, conceituado comerciante da vila. Aquêlê pôs-se à coca e em breve o carreiro foi apanhado com a bôca na botija, ao levar do celeiro cada vez que ia à ração para as bêstas uma diária algibeirada de favas. Foi então prêso, julgado, condenado.

«Roubou. As testemunhas e a sua própria confissão demonstraram-no à evidência. Roubou, vai expiar o seu crime. Aproveite a lição e quando terminar a pena e voltar à liberdade torne-se o homem sério e de moral que nesta audiência se provou que não foi.»

Calou-se sua excelência; a audiência terminara. O público saiu da sala e o réu voltou à cadeia.



O B A L H O

Por tôda a semana vieram descontando dez minutos a cada sesta e dessa forma conseguiram uma hora de sol na largada de sábadô. Mal soou a voz do manageiro gritando o seu «vamos à ceia» de tôdas as tardes, as duas ou três moças mais desenrascadas partiram direitas ao monte a pedir ao casaca o almazem das máquinas. Sempre era melhor que balhar na rua! Êle não se pôs de razões, desta vez, e disse que sim às raparigas.

As máquinas e alguma ôcharia foram arredadas para o fundo do casão, ou conduzidas para fora, deixando assim livre uma vasta sala; algumas tâboas apoiadas em caixotes e barris, ao longo das paredes, e aí ficaram

armados os necessários assentos para a família que viesse à função.

Ao entrar da noite começaram chegando as moças das herdades próximas, e outras, ensigueiradas no balho, mesmo de herdades a duas e três léguas. Veio o tocador com a sua concertina. Aos seus acordes reuniu-se logo a malta de rapazes que por ali estava espalhada conversando e as raparigas que também davam à taramela por casa das vizinhas. Nas bancadas da frente sentou-se o pessoal novo, por trás as velhas, afilhadas há muito, com cachopos de tôdas as piaras apegados a si. Os moços dançarinos ficam de pé, no meio do balho, em cacho, rodeando o tocador; outros menos galhofeiros encostam-se às ombreiras das portas. Rompe um sidónio e cada qual emparelha ca sua parceira bem abraçada pra trás e pra diante. Mas o balho à p'lítica nem por todos é apreciado e os sidónios tocam-se apenas uma vez ou outra. Trivial são polqueados, chegadinhos e as valsas, que se dançam sempre mais a precêto. Às vezes marca-se uma valsa à sagôrra, quando há quem a saiba mandar. Mas tal geiteira não é de todos. E isto não dança tôda a gente, dança apenas quem sabe, porque é dança a sério, para a outra família ver, não é o esfreganço das outras modas. Que preceito e que donaire é preciso ter para figurar bem na valsa à sagôrra! Pâram as conversas em redor, deixam-se os copos, apagam-se os cigarros — venham todos agora ver, que estão dançando uma valsa à sagôrra. Venham ver como se safa a mandá-la o Zé da Augusta! Maltês dum raio, se é lesto — safa-se e à grande!

Homem pra tudo êsse valente Zé da Augusta : a tocar seis bois ; de semeador à ilharga ; arroteiro duma lavra ; alimentador nas debulhas ; de pá de valar nas unhas ; a trabalhar com uma caldeira — para todo o trabalho tinham ali um homem. Não lhe choravam a jorna, não ! Nas agarras de novilhos tanto rabejava como pegava à cernelha, e onde prantasse as mãos é porque era dêle ; a entralhoar um toiro ninguém tinha mais geito e corage. Em que é que o Zé da Augusta não era um homem ? ! Maltês valente e desempenado tanto era a trabalhar como ali cas moças balhando. Tôdas o queriam, era mais a mim mais a mim. Quando pedia dispensa, elas vinham para os braços dêle sorridentes e dengosas que até metia inveja ; se lhas pediam em dispensa a êle, até faziam que não viam, as maganas. Melhora-te moço, pois em sezão é que a terra dá lavoira ! E alguns velhos que já nada podiam, tinham honra naquele ganhão dominador que os continuava, como êles tinham vindo continuar outros. E os moços novos reconheciam-lhe o primeiro lugar. Ninguém lhe pisava o risco. O marcante era êle. Há sempre um que é o marcante. Quem o fôra antes do Zé da Augusta ? Quem fôra assim homem pra tudo como êle ? Voltando aos copinhos e à conversa, um dos velhos teve essa fala. E outro então respondeu : «olhem aí pró meio». Ali no meio estava o tocador mais a sua concertina. Era o João Ceguinho. Todos viram. E todos se alemberraram. Não haja dúvida, fôra também como o Zé, ou mais lesto ainda.

Todos se alemberraram então.

28 de Junho de 1914. Um conspirador mata a tiro, nas ruas duma cidade sérvia, o príncipe herdeiro dos Habsburgos. | ; O que é que tinha com isso o rancho de ceifeiros que nesse dia cortava rieti na várzea de Parchanas ? ! Era a melhor foice dêsse rancho um bem afeiçoado rapaz chamado João Grades. Ninguém ali sabia de existirem, sequer, arvezados nomes como Sérvia e Habsburgos.

Fins de Julho de 14. As chancelarias entendem convir-lhes aproveitar a monção de derimirem a concorrência dos respectivos imperialismos. Mobilizações por tôda a Europa. E o que é que tinha com isso aquêlê mesmo rancho de ceifeiros, que agora cortava o pão das barradas de Algale ? ! Era trigo rijo de barba prêta, e lá andava com seus companheiros, contente e assobiando um ladrão novo nas atadas, êsse lesto moço de nome João Grades. | ; Sabia-lá algum, dentre todos, o que eram chancelarias, nem o que era Europa ? !

Depois, as vagas germânicas pisaram o chão dos outros povos. Disputava-se um primeiro lugar. No nosso sítio, entretanto, os ranchos começaram as debulhas, em seguida à ceifa. Recolheu-se o grão aos celeiros dos patrões, recolheram-se as palhas para o gado. Tornou-se depois às novas sementeiras nas terras dos patrões, voltaram aceifas, outras debulhas, novamente a recôlha aos celeiros dos patrões e o carrêgo das moinhas e palhas para o gado. Aos domingos, na vila, não se ouvia senão falar em guerra. | ; Que será isso de guerra — garreias de muita gente como em certos arraiais, onde o pessoal duma aldeia chegava a ser todo contra a família doutra aldeia ? ! Os gêneros começaram a subir de preço. Cada

avio era mais caro que o mesmo avio da semana passada. Começou a haver reboição por muita cidade para que os ganhos subissem tal e qual como subiam os mantimentos e a vestimenta. Já havia labarito mesmo nas vilas, às praças dos domingos e segundas-feiras. Falava-se de muita coisa. E as searas iam crescendo, sem querer saber de nada, nas vargens, nas ademas, nas barradas. Deu-se muita terra ao quarto e muitos pobres fizeram searas ; o carvão na terra forte pagava as arrancas. Não faltava trabalho, parecia não haver produção que chegasse à pergunta dos compradores.

Um dia chegou um escrito para os regedores e cabos chefes da aldeia, mandando passar parte a todos os mancebos que fôsem soldados para seguirem para os seus regimentos. Foi um, foi outro, e depois outro, começou-se a notar a falta de tantos. Na vila falou-se em barulhos lá pra Lisboa. Com tanta coisa que se ia passando, já não havia dúvida que isso da guerra era com todos. O pessoal das aldeias, das herdades, os ranchos todos : das ceifas, das mondas, das lavoiras, das sachas, das vindimas, das arrancas, das cavas, das tiradas de cortiça, das marinhas, das derramas de lenha e das carvoarias, a família tôda dos trabalhos de campo, afinal, tinha que ver e muito com essa coisa da tal guerra e da tal França.

O João Grades era soldado. Teve de abalar para Lisboa. Depois, «embarcou». Daí a tempo veio uma carta dêle, escrita por outro. A mãe foi à aldeia pedir ao caixeiro da venda que lha lêsse. Dizia pouco e vinha lá das franças, onde êle estava. Mais tarde veio outra

carta e já era escrita por outro porque o primeiro tinha morrido. A mãe tornou a ir à aldeia pedir que lha lêssem ; o caixeiro também já não era o da primeira vez, porque êsse tinha sido chamado e «embarcara», como o João, mas para as nossas Áfricas. Pouco adiantava, a carta. Cá pelo sítio é que a vida tinha adiantado. O velho Grades, que era alfeireiro, morreu ; a Libarata fugiu de casa e ajuntou-se com o Valverde, seareiro em Arcebispa ; a mãe ficou só mais a mocinha que inda não ganhava a jorna e o patrão no S. Miguel mandou-a despejar a casa porque a queria dar ao alfeireiro novo. A vida de todos adiantou, mas para pior. E lá nas franças, o João ? Veio outra carta ; estava num hospital. Passado mais algum tempo veio êle mesmo.

Todos se alembravam, é verdade ! Todos os velhos ainda se lembravam como êle voltou.

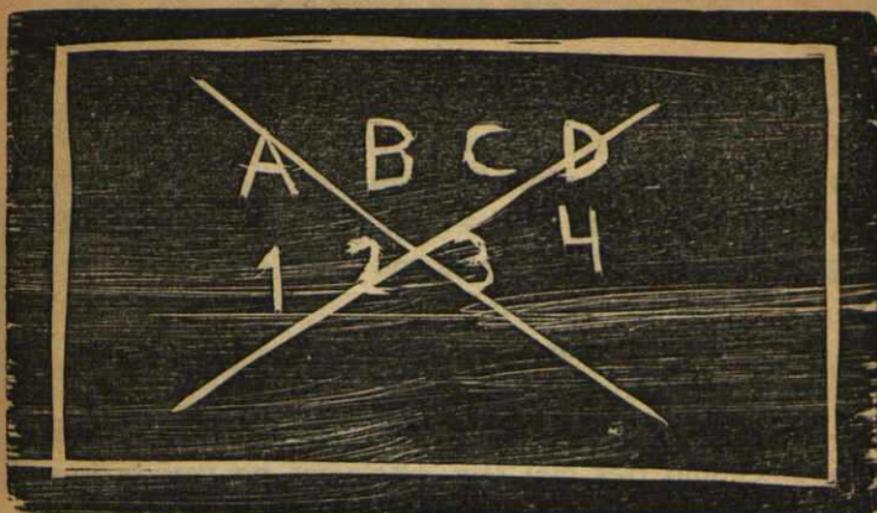
Quem o via olhava pra êle e não se queria acreditar. ; ; Era o João Grades ? ! Os olhos fechados para sempre, debaixo das pálpebras nem se sabia o que estava. Dois buracos tapados com a pele. E tinham estado ali antes dois lumes, muito vivos, cheios de saúde e fôrça, a sorrir para tôda a gente. Ficaram na terra estranha, por causa de questões estrangeiras que não lhes diziam respeito. Todo o corpo mirrado que nem planta morta à sêde. O João Grades que se ajudava sôzinho a um saco de cinco arrobas, que media cereal um dia inteiro, sem revêzo, com um alqueirão de vinte litros, que embelgava direito e certo como ninguém o alqueive mais dobrado, com dois bois ou com uma parelha ; o João, que deixara enganadas duas raparigas e mesmo assim nenhuma fazia más ausências dêle, só da alembrança

de rapaz bem parecido que deixara ; o moço que dava cartas em balhos e funções, escovinhando leve como nenhum, mais pulante que ninguém — podia ser o que ali estava de regresso ? ! Quem o via não se podia acreditar. E a êsse pobre de Cristo que tornou ao sítio, começou-se então a chamar o João Ceguinho. O homem já não era o mesmo, o nome tinha de ser outro.

Ali estava agora a tocar no balho com a sua concertina que a mãe lhe guardou. Nunca a quis vender, a concertina do seu João, apesar dos maus dias. Era para quando êle voltasse, e foi. A mãe ainda teve a desgraça de o ver, êle é que já não viu a mãe. Não voltou para trabalhar como os mais, voltou para ser um fardo de todos e dêle mesmo. Ainda assim, como era de raça de trabalhador, fazia umas prisões de cabelo para as cavalarias do guarda e campino, fazia umas coleiras para as éguas da gradagem, fazia atilhos de junco no devido tempo — mas que valia aquilo ? A mãe morreu ; ninguém dá telhados, precisos para jornaleiros, a um mendigo, e por isso vivia nas arramadas, nos palheiros das bêstas. Passava os dias na venda ; tocava guitarra e cantava o fado, aos domingos, tirando assim para o sustento. Também tinha uma pensão, é certo — mas não tinha era a fêria aos sábados, do seu trabalho. Com a concertina ia tocar aos balhos. Só nisso era o mesmo de outros tempos, ou até melhor. Sabia as velhas modas e sabia toques à p'lítica, da vila e das franças, por onde andara. Com os copinhos animava-se, galhofava ; outras vezes chorava, falava mal e chegava a escandalizar as mulheres. Talvez nem estivesse já muito certo da cabeça.

Bem lembrados, os outros velhos concordaram. Não haja dúvida, era com'ó João Grades, êste Zé da Augusta. E ali estavam os dois: um tocando a sua concertina, no meio do balho, com os lumes da vista apagados; o outro escovinhava com uma rapariga abraçada pela cinta. Parece que não sabiam nada um do outro. E tão parecidos, na lembrança dos velhos! Só faltava outra guerra; — e essa não rondava longe. Mas nem mesmo os velhos sabiam disso e o balho continuou.





T A N G E N T E

Encontramo-nos na estrada, à saída da vila, e fomos a par uns metros.

Eu ia no meu quotidiano passeio de cão de fila bem jantado ; êle ajoujava com um talêgo às costas, cheio de objectos que lhe faziam evidente mau carrêgo.

— Não te ajeitas com a carga, rapaz ! Então o que é que levas aí ?

— São pães ; oito quilos.

— Avio hoje, à quinta-feira ? !

— Se-senhora. O meu pai leva quinze pães ós sábados e eu venho buscar êstes oito do meio de semana.

— Vinte e três pães por semana ! Quantos são vocês a comer ?

— Semos nove, mas um ainda nam come que é pequenina.

— Quem é o mais velho ?

— A mais velha é nha-irmã que anda ós trabalhos e ganha o preço. Logo atrás sou eu.

— Quantos anos tens ?

— Tenho 10 anos.

— Ainda não trabalhas ?

— Olhe, amanhem vou guardar as vacas do sê padre Nava. Ganho três mel reis. (Estamos no verão : jorna alta. No inverno, três escudos ganham apenas as mulheres adultas, quando conseguem trabalho).

— Então onde moras ?

— Agora moremos em Vale Gordo, mas eu vou direito a Brejinhos, que o meu pai anda lá a charruar e eu levo-lhe aqui o tabaco e os forfes. Morávamos em Brejinhos, mas a cabana ardeu e estemos agora em Vale Gordo.

— O que é lá o teu pai ?

— É ajuda dos bois.

— Vais à rasca com o sacco, an !

— Faz mau carrêgo se-senhora, mas além adiante descanso.

— Então saúde.

— Boas tardes, patrãozinho.

Voltei para trás, que para os meus pés regalados já ia longe o passeio. Êle seguiu com os oito quilos de pão a magoar-lhe as costas, até à charruada onde o pai aguardava o fumo e os «forfes». Até Brejinhos ainda palmilhava bem légua e meia. Tem dez anos, é amarelo

como tôda a gente do sítio e só lhe luzem, mas luzem bem, os negros olhos na cara. Descalço. Andrajoso.

Está claro: não sabe o que sejam letras — mas sabe, muito melhor que ambos nós, querido leitor, o que é a vida, a negra vida em que êle já está bacharel — aos dez anos.





J O S É P E D R O

Esteve na guerra de 14, em França, a defender a Pátria, Liberdade, Direito, e voltou gazeado. Mas foi feliz : deram-lhe uma pensão.

Melhorou muito ; pôs-se um trabalhador como os mais. E com as forras daqueles verões de jorna alta, a seguir à guerra, juntou dinheiro e casou. Chamava-se José Pedro, — ela Maria Delfina, a sê Delfina. Compraram uma arca dessas de conduzir louça das fábricas para as lojas, e bem pintadinha, com as artes dêle, fazia vista de boa mala, encostada à parede, na cabeceira da cama. O batedouro era de ferro, com maçanetas amarelas em pinha, reluzentes. Esta foi a mobília de quarto.

De roupa : compraram duas mantas na feira nova,

uma coberta côr-de-rosa com um grande pavão desenhado, e duma peça de pano cru que lhes deu o pai dela, das forras familiares da última monda, foram capazes de tirar 10 lençóis. Já não estava mal! — nem tôda a gente reunia tanta copa ao casar.

No compartimento único da moradia puseram uma cortina de chita a atravessar, e da banda de lá era quarto, sendo à entrada da porta a sala de comer. Uma estante na parede com meia dúzia de pratos, dum caixote fizeram pequeno armário para os cacifros, a cafeteira de barro e um tacho ou dois, louça que não se segurava na estante; junto à porta, na claridade, mesa de pinho com gaveta (verdadeiro luxo), duas cadeiras de compra e um mocho — eis o mobiliário desta sala de comer. Não estava mesmo nada mal, aquilo. Era de chão batido e não tinha chaminé, a cabana. Esquecia-me dizer que foram morar para uma grande herdade da carreira, e as cabanas não têm chaminé, é claro. Ali viveram, no amor e na cabana — da realidade e não da literatura. Medraram. Ainda que pareça mentira, é verdade: medraram. Ele era muito poupado, unhas de fome até nas sôpas, jamais perdia um dia, tôdas as semanas fazia solteiras; ela só não ia ao trabalho a bem dizer quando as barrigadas já não lho permitiam. Dois fossões. Ao fim de uns anos, tendo um pé de meia, entrou êle a pensar em adquirir uma casinha na vila. Soube duma pela qual lhe pediam oitocentos mil reis. Tinha êsse dinheiro, à justa. A mulher torcia as ventas, mas êle cismava ser de vantagem comprarem-na.

— Aqui no chão da herdade a jorna é sempre menos que na vila, mulher. Em nosso chão escolhemos patrão,

vamos pra donde derem mais ; nas aceifas aproveito contratas mais altas, no tempo das marinhas vou às marinhas, e há trabalhos de biscate que eu sei fazer e onde se tira maior jornal.

Fêz-se o negócio ; vieram para a vila mais a bacorada dos filhos. Um dêles andava na idade de escola e o pai, sem letras, pôs tôda a sua aspiração em que o mocinho viesse a saber ler e fazer um escrito. ; Quem sabe se não foi por isso, maiormente, a sua vontade de vir morar na vila — escondida da outra gente para lhe não chamarem soberbo ?

— Até já quiere mandar o filho à escola ; parece-lhe já que é rico, o alarve — haviam de dizer dêle nos ranchos, se confessasse a sua ambição de letras.

Vieram para a vila, com a bacorada dos filhos. A casa tinha dois compartimentos, um à entrada, com chaminé e uma janela, outro ao fundo com uma fresta. Era um palácio. O José Pedro já não era qualquer maltês, tinha o nome lá em baixo, pagava contribuições. 14\$30 ao ano. Era um proprietário, nada menos.

Passaram alguns anos, uns melhores e outros piores. Nasceram mais filhos : metade, graças a Deus, morreram anjinhos. José Pedro tem sido o mesmo fossão de sempre, que não gasta na taberna e faz as semanas solteiras. É curioso e consegue trabalhos de biscate que lhe dão melhor jornal : gadanha, faz enxertias, é lagareiro de uvas, etc. A mulher, com tanto filho, é que só vai agora aos trabalhos do verão, monda do arroz, quando a jorna é boa : 7\$00. Deixa então os filhos maiores em casa, ao sair de madrugada, com um tarôco de pão com banha còrada a cada qual, leva consigo o de

mama, um permanentemente, e à noite faz-se a ceia para tôda a família, se o pai não anda de alforge aviado. No inverno não paga a pena ir aos trabalhos; mal a mal só aproveitar alguma apanha de azeitona nos olivais perto da vila. Não falta que lidar em casa.

Ontem fui procurado por José Pedro. Quere um conselho. Tem uma filhita doente há um ror de semanas. Já a levou ao Sapo, a Alfundão, uma entendida benzeu-a várias vezes, mas nada de se pôr boa.

— E ao médico, já a levou? — preguntei.

— Também; boticadas e mais boticas e nada. Já estou empenhado, o verão passado a mulher perdeu as mondas a tratar da menina, êste ano vai pla mesma — não sei o que hei-de fazer à minha vida.

— E o que diz o médico?

— Não diz nada; vai-lhe receitando xaropadas; cada receita é aquáse a fêria duma semana — não sei o que hei-de fazer à minha vida.

— Mas a Santa Casa de Misericórdia não lhe assina as receitas?

— Não, senhor compadre, e por isso é que eu cá venho. Agora só assinam remédios a quem não tem nada, e como eu tenho as casas, a mim não mos assinam. Tenho de vender as casas, compadre!

— Homem, vender as casas?!

— Plo raio das casas é que não me assinam os remédios e amanhã nem me dão hospital s'eu precisar. Vendo as casas, pago o que devo, guardo alguma coisa que sobre e ninguém sabe se o tenho ou não. E como já não tenho nada, tenho depois Santa Casa!

— Mas olhe que depois não tem buraco, as rendas são um dinheirão, no inverno você não pode pagar ao mês: veja tantos por aí com os tarecos na rua.

— Pois é, mas por onde os outros passarem também eu passo. As casas inda me desgraçam mais.

... ..

E vendeu as casas.



... que a ...
... a ...
... a ...
... a ...





MALDITO ROUXINOL!

Na minha terra há uma fonte com duas bicas.

Em grandes letras negras, tem lá escrito por cima das bicas: inaugurada em ★★★. Mas eu apenas a conheço desde há quarenta anos. A água corre de dois canos de metal amarelo, metidos nas bôcas de duas caras de sátiro, carnavalescas. Noite e dia a água corre.

Por baixo de cada bica havia «no meu tempo» uma pedra de bom mármore, onde se colocavam as enfusas e os barris aparando água. De tanta enfusa e barril ali postos uns minutos, a pedra tinha gastinho o sítio dos fundos. Mas uma noite as velhas pedras de bom mármore desapareceram! — algum construtor urbano das redondezas precisou delas e levou-as simplesmente, como

sucedeu a tanta cantaria de igrejas, ao ouro e a rebanhos das Irmandades, a courelas inteiras e ferragiais de Misericórdias, a partir do Fomento! O povo já estava acostumado e não estranhou; em vez das pedras foram mandados colocar sob as bicas, pelo senhor Presidente da Câmara, talvez o daquela iniciativa, uns varões de ferro que tal e qual serviam ao fim, dizia êle.

Tôda a vila se abastecia nesse tempo quási exclusivamente daquelas duas bicas generosas. Os pobres iam buscar a sua água em pequenos potes e enfusas, à cabeça, bem assentes nas sogras, em prodígios de equilíbrio; os ricos tinham carros duma bêsta expressamente para o transporte diário; e os remediados eram abastecidos por dois ou três vendedores que viviam da sua distribuição pela vila.

Na Fonte do Passeio havia sempre muita gente, uns a encher, outros à espera de vez, e não eram raras as disputas sôbre um complicado «direito» de encher que regulava a matéria. Um preceito, que me recorde, era o de que o mesmo dono não podia ocupar ambas as bicas simultâneamente desde que houvesse outrem à espera. Mas já nesse tempo havia arbitrariedades, é claro, se o prejudicado era mais fraco, mulher ou criança contra homem, alguém que se temesse contra conhecido brigão ou criado de casa grande. E como hoje, restava às vítimas a plegaria baixinho de sempre, reles coisa contra injustiças de quaisquer tempos e bicas.

Pelas ruas acidentadas do burgo — como já hoje é diferente a minha aldeia, de moderna cidadania — o aguadeiro anunciava a passagem do seu carro asso-

prando forte numa corneta curva que trazia sempre a tiracolo. Talvez a corneta de caça de algum histórico senhor de pouco antes, papá ou quando muito avô dos baronetes de então que tristemente se viam na necessidade de comprar água, muitos dêles. As criadas e mesmo as senhoras vinham à janela mandar subir uma bilha ou duas: «Damaso, quero duas bilhas». Mas no verão havia que estar de orelha à escuta não passasse o aguadeiro sem se dar por isso, pois a água era pouca e maior o gasto e êle nem precisava tocar a sua corneta amarela para a vender tôda. Durante as horas de calma, as bôcas de sátiro mal esguichavam dois preciosos fios delgados e então por tôda a noite, só quando a nascente abonava maior pinga, havia movimento na fonte. As pobres samaritanas da minha terra nesse período, com as suas bilhas e potes à cabeça e sem nunca encontrarem doce Cristo que dessedentar a trôco dum sorriso e boas palavras, — pois já nesse tempo não havia cristos entre nós — tinham de perder serões e madrugadas por alguma pouca água necessária ao fraco asseio de suas casas.

A cada lado dessa fonte com duas bicas havia um banco de pedra metido na parede, onde o pessoal curtia os ócios da espera dando à língua. A seguir havia dois grandes pios para o gado. Cavalos, muares, bois, vacas turinas e burricelhos de trabalhadores do sítio, às horas precisas largavam das muitas cocheiras da vila e vinham pela bebida. Vinham à sôlta as mais das bêstas. Ali faziam também alto os carros passantes, no verão dessedentando-se animais e refrescando-se as massas e

raios das rodas, no inverno apenas por via duma pinga ao gado. Concorridíssima sempre, aquela fonte com duas bicas da minha terra. E nem lá faltavam os garotos de há quarenta anos como eu fui, presenciando desaguizados e a ouvir conversas do povo, aprendendo negra vida, ao irmos matar a sêde e refrescar de violentas brincadeiras.

Mas veio o progresso e trouxe água a tôdas as casas de primeiro andar. Nas cocheiras também passou a haver água. E a fonte ficou apenas com a freguesia humana dos potes e enfusas e com os burricinhos escanselados que também não têm água em casa, pois não vivem no que possa chamar-se cocheiras. Não, aos pobres casebres onde em tantos casos se albergam burros e respectivos donos não pode justamente chamar-se cocheiras.

¡ Pobres bicas solitárias, que saüdades hão-de sofrer !

Nas noites de luar, enquanto os dois fios de água se desperdiçam agora cantando nos varões de ferro onde caem, quantas coisas não dirão uma à outra as duas caras de sátiros ?!

Que me trouxe esta noite aqui, a mim, que moro em primeiro andar e não preciso da velha fonte, ver correr a sua água nesta clara solidão ?! Adormeceria eu depois, sentado num dos bancos de pedra e a rememorar a minha longínqua garotice, ou estava acordado e eram reais os murmúrios que ouvi à fonte ? Porque ouvi, senhores.

Dizia uma das bicas.

— Não tens saüdades de outro tempo ? Tanta gente sempre connosco !

E a outra bica respondeu, ficando ambas a conversar.

— Não. Fiquei farta de ouvir narrar desgraças.

— Agora nem precisam de nós.

— Nem todos. Não vêes que as mesmas mulheres de chaile no fio, de outros tempos, aí vêm com os mesmos potes e bilhas?

— Mas sobra agora tanta água! Donde virá esta água que aqui oferecemos em jacto?

— Vem de nascentes lá ao cimo dêsse vale, aí por trás. Atravessa hortos e olivais de gente pobre, a quem tanto arranjo faria. Mas aí de quem lhe fizer desvio; é da Câmara.

— Mas se já não precisam dela para a vila e sobra tanta!

— Deixá-lo.

— E desde que aqui sai, para onde irá esta água pura?

— Vai para êsse jardim onde passeiam senhores, e vai parar ao rio, por essas valas além.

— Se a têm encanada por tôda a vila, porque não fazem fontes perto da casa dos pobres que escusariam de aqui vir buscá-la ainda às noites depois do trabalho e às madrugadas antes de enregar; e porque não deixam aproveitá-la lá atrás, nas hortas, se vai daqui para o rio?

Era tarde. Um rouxinol viera pousar numa árvore próxima e entrara logo a gorgear a sua trova. Como modulava doçuras, o poeta! Que saúdades não sei de quê choravam na sua canção! Que artista aquê!

As bicas calaram-se, mesmo a água passou a cair mais suavemente, quâsi sem ruído. Apenas o trovador cantava e a sua embaladora canção todos e tudo fazia esquecer. Que artista! As próprias dores de tôdas as coisas e das injustiças da vida amorteciam ouvindo-o.
¡ Maldito rouxinol!





NASCEU UM MALTÊS!

O automóvel parou, o sr. Pereira apeou-se rápido e bateu a porta com estrondo desusado. Sobressaltou-se o guarda portão. O sr. Pereira, tão suave, tão sereno ordinariamente, atirar a porta do Graham novo com aquela fôrça não era natural! Passou rápido e mal olhou o fiel agalado, estático e de mão levantada, tanto ao recente gôsto do patrão. Havia coisa, por certo.

Lá em cima já não causou apenas o espanto do guarda-portão. Não, M.^{me} Pereira pressentiu coisa grave no mau parecer do espôso e emocionou-se imediatamente. M.^{me} Pereira, tão nervosa, cardíaca adiantada, ficou ofegante mal reparou no estranho olhar do marido. Trinta anos conhecia aquêle rosto, trinta anos nêle vira passar

alegrias e o pesar duma ou outra derrota. Trinta anos não são trinta dias — o Pereira vinha alterado.

— Meu filho, que aconteceu?!

— Elisa, o Martins, o nosso guarda-livros, fêz um desfalque de vinte contos. Malandro. Ladrão. E fugiu!

— Credo, Pereira, sempre julguei que fôsse coisa pior, desastre de algum dos pequenos.

— Não, isso não. Olha o Carlos até telegrafou a dizer que passou nos exames. Toma lá o telegrama. Vem logo no Sud.

— Pois olha, Pereira, que me assustaste. Credo. Mas isso do desfalque não é caso para trazeres uma cara assim. Demais a mais neste dia em que o nosso Carlos já é doutor.

— Vinte contos, Elisa, um malandro daqueles! Não me pode esquecer. E fugiu, ninguém sabe dêle.

— Que diferença nos faz vinte contos? Nunca perdes essa preocupação da pobreza. Ficamos nós arruinados, Pereira?

— Não, felizmente. Mas vinte contos são vinte contos. São vinte contos que roubam aos nossos filhos.

— O principal para os nossos filhos já não é o dinheiro. Pois não podemos estar tranqüilos a êsse respeito, Pereira?

— Sim, lá isso, graças a Deus, podemos.

— Pois então, o principal é terem uma posição bonita, serem alguém. Hoje não é dia de tristeza, Pereira; hoje é dia de festa porque o nosso Carlos já é o sr. dr. Carlos Pereira.

E o bom senso e a bondade daquela querida espôsa de trinta anos, sempre boa conselheira e acatada, con-

seguiram finalmente desanuviar de todo o sr. António Pereira, da grande e conhecida firma Pereira, Machado & C.^a.

«Foi apresentada queixa na policia por uma importante firma de Lisboa contra o seu guarda-livros Manuel Martins que desapareceu para parte incerta depois de haver sido descoberto um importante desfalque na casa onde trabalhava. Julga-se que o criminoso se dirigiu para o Porto na intenção de fugir dali para o estrangeiro. O agente Vasconcelos foi encarregado das investigações.»

Na rua do Telhal havia uma casa. Há muitas casas, em tôdas as ruas. Aquela era velha e já vinha de outras gerações. Também nisso não era única, porque não faltam velhas casas que têm assistido aos dramas de tanta geração passada. Naquela, dessas muitas casas morava Manuel Martins; um Manuel Martins qualquer como também não faltam por aí. Mas aquêlê entrou a ser conhecido: no carvoeiro, na mercearia, na leitaria — todos fixaram o nome Manuel Martins. Ex.^{mo} Sr. Manuel Martins, rezavam tôdas as facturas. Aquêlê mesmo nome, com igual delicadeza e solitudine: Ex.^{mo} Sr. Manuel Martins, na conta da farmácia, na do médico, nos recibos atrasados da luz, da água, na renda da casa... Nos últimos tempos o Ex.^{mo} Sr. da farmácia tornou-se tristemente contumaz. Nas policlinicas, porque a classe não fia — os estabelecimentos onde menos se fia ainda são os de medicina — também últimamente o Ex.^{mo} Sr. Manuel Martins se tornou conhecido, mas a contado, por causa da Antonietazinha Martins que não se punha melhor.

Tornava-se já *notável* em todo o bairro o Martins ! E pesava-lhe bem aquêlê Ex.^{mo} Sr. dos débitos em atraso. Pesava já tanto que um dia encorajou-se a falar ao chefe da casa onde era guarda-livros. Fôra no último balanço.

— Sr. Pereira, tenho enormes despesas : a doença da Antonietazinha, a vida a encarecer diàriamente... Se o sr. Pereira pudesse conceder-me um aumento no ordenado!!!

Êle já sabia que a resposta seria aquela. Sabia-o perfeitamente. Porque pediu, então ? Tinha de pedir, tinha de ouvir aquilo, nem sabia porquê. O Cristo também sabia que o iam prender no Horto das Oliveiras e nem por isso fugiu. E foi prêso e foi morto.

— Amigo Martins, você bem sabe que tem o ordenado de todos os guarda-livros. Até com vantagem. A casa não pode aumentar. Redusa as suas despesas, Martins. Etc., etc., etc., — porque tinha de vir a repetida lição das economias da moderna aura financeira e a lição farisaica da moral de todos os triunfadores dos negócios, uma conhecida lição que nada tem com a história dos seus triunfos.

Os proprietários das facturas onde figurava o Ex.^{mo} Sr. Martins nunca souberam dêste diálogo. Se não, muito havia de surpreendê-los o facto de as facturas começarem a ser pagas daí por diante, e que acabasse mesmo por não haver mais facturas. O Ex.^{mo} Sr. dos débitos entrou a desaparecer, substituído pelo excellentissimo dinheiro no acto da compra. Todos passaram então a andar mais satisfeitos com o querido vizinho e cliente. Abriram-se-lhe mais os sorrisos e os apertos de

mão foram mais fraternais. Tudo andava agora em dia ; a Antonietazinha convenientemente tratada entrou a melhorar e pôs-se boa de todo ; tôda a família melhorou a indumentária ; uma ou outra noite iam ao cinema ; e até o Martins passou a vir tarde para casa algumas noites, provocando os menopáusicos ciúmes da espôsa. Naquela velha casa da rua do Telhal entrou aparente felicidade. Apenas uma pessoa, de vez em quando, se via assaltada por certa dúvida, por um instantâneo terror que lhe provocava calafrios. Como acabará tudo isto ? — perguntava o Martins a si mesmo. É um mêdo, um pânico indescritível o tomava.

Não havia fraude, não havia complicadas falsificações, nem lançamentos fictícios. Havia simplesmente o comodismo de tirar o dinheiro de onde estava e deixar correr... O dinheiro passava-lhe pelas mãos e ia-o tirando simplesmente, quando precisava. Só no balanço tudo estoiraria. Até lá folgavam as costas ! Mas quando tudo fôsse conhecido ? ! Nem deixava esclarecer-se-lhe êste pensamento. Ia deixando correr, naquela facilidade, na inércia, na inconsciência do resultado final. Roubava sem se tapar, ao menos. Era um honesto ladrão. Só de vez em quando o assaltava aquêlê mêdo superior à euforia da sua embriaguez. Sentia então o perigo, via o escândalo enorme. Mas era só um momento e tinha de ir andando. Necessidade e cobardia empurravam igualmente. A vida não pára, a inércia levava de vencida qualquer princípio de reacção. Ia vivendo numa perigosa facilidade. E só lhe era penoso, causando-lhe verdadeiro terror, o silêncio da casa quando voltava altas horas, cada vez mais amiúde. Ali encontrava a

mulher desparramada no batido leito conjugal, filha-família que êle fôra buscar há vinte anos, sem mais valor que uma humilde docilidade de meia escrava e boa mãe; ali estavam num quarto os dois rapazes liceais; noutro a Antonietazinha que começava a ser mulher, e que disputada mulher ela prometia ser; e atravancando o quarto de casal com a sua caminha um extemporâneo rebento que êle não chegaria com certeza a deixar criado. A monotonia da vida, a escravidão medíocre e forçada da vida! Valia a pena?!

E qualquer dia, o mais tardar pelo balanço, o estrondo de grande bomba que rebenta. Que iria depois ser daquela gente? Que faria êle nesse dia: dar um tiro na cabeça; atirar-se ao rio, dum barco da carreira de Caci-lhas; deixar-se prender; fugir? Fugir para onde? Êsses os minutos de terror, sentidos no silêncio da casa adormecida. Metia-se na cama à pressa, a fugir da casa, dos móveis, das coisas, da vida, de si mesmo, do seu terror. Felizmente adormecia logo; era dorminhoco como todos os cobardes.

E essa velha casa da rua do Telhal, igual a tantas de muitas ruas e cidades do mundo, que já vinha de remotas gerações com seus dramas, a tudo assistia, incomovível ante o desenrolar de mais esta pequena história de nova época.

Na arranca da herdade do Tinhoso appareceu um pobre homem a pedir trabalho. Ali era como na legião estrangeira: não se perguntava a ninguém donde vinha. Donde vinha?! Cada qual vinha da sua vida atrasada, e se chegava a pedir lugar num rancho de malteses ali

numa arranca dos confins do mundo, não vinha de lhe sair a sorte grande, não.

Algumas vezes chegava a guarda republicana e levava um ou dois, sabia-se lá porquê. Fôsse pelo que fôsse, e ninguém dali seguia para ministro. Cada qual vinha da sua vida passada e começava ali outra vida nova. Como na legião estrangeira.

No verão dormia tudo no hotel sete estrêlo, pois ninguém agüentava a bicheza dos barracões. Por errada chalaça dizia-se que não havia pulgas porque os percevejos as tinham comido; mas era só dito porque tanto havia pulgas como havia percevejos, na melhor harmonia. Havia pulgas e havia piolhos, percevejos, ratazanas que nem coelhos. Tudo vivia ali do sangue do maltês. Enquanto a copa chegava contra o frio ninguém dormia nos quartéis e só no pingo do inverno se passava para a companhia da bicheza. Muitos até mesmo nesta quadra ficavam cá fora em pequenas choças de junco ou caniço, individuais ou para dois ou três companheiros. Quando já tinham também muito bicho, largava-se-lhes fogo e faziam-se outras.

À noitinha, depois das sôpas da ceia, chegou aquêlo homem a pedir lugar. O manageiro tinha ordem de meter gente e por isso campou, logo. Sim senhor, ficava no rancho.

Não trazia ferramenta, nem trouxa, vinha com as mãos a abanar e cheio de fome. Nem alforge nem manta e o chão a negar ao céu que os pés andavam calçados. O maioral ofereceu-lhe uma bucha. Se calhar foi a mata-dela de bicho daquele dia já no escurecer. Tinha um ar comprometido que impressionou os mais malteses. Por

acostumado à desgraça que esteja um homem, nunca se perde uma ponta de emoção à vista doutros tão desgraçados como a gente. Estava à vista que aquêlê jamais pegara num enxadão. Amanhã o vais experimentar, amigo, e não chegas à noite com êle. Para fazer meio dia tinha um fulano de ser bem rijo ; mas fazia lá meio dia, um quartel e boas contas, que o macaco nos rins não consentiria mais a um velho como aquêlê. É que ninguém faz meio dia de trabalho na primeira vez que pega num enxadão contra velhas daroeiras, estevas e carvalhiços. E aquêlê mãos finas menos do que todos. A primeira coisa em que um cavador repara noutro homem é para as mãos. Conhecem-se e logo se estimam segundo os calos das mãos. Sentem logo a camaradagem niveladora das mãos duras e terrosas, ou antagonismo contra a finura das daqueles que apenas empunham canetas. Mas êsse mãos finas — e ficou sendo o Mãos-Finas para o resto da sua vida, que já não foi longe — tinha um ar comprometido e triste que impressionou tôda a malta. Tiveram dó, aquêles malteses batidos e sabidos que nem mestre de música, do noviço que vinha ingressar na ordem. Malteses com dó ! É verdade, apesar de tudo quanto se passa na vida, o pior homem mantém piedade pelos outros homens. Não dura sempre, vive um curto momento cada dia, cada semana, cada mês, cada ano, ou em tôda a vida. Conforme. Mas apesar de tudo, o pior maltês tem êsse instante de coraçanada, nem que seja uma só ocasião. E calhou, fôsse pelo que fôsse, àquêlê velho de mãos finas ali chegado ao lusco-fusco, pedindo trabalho de enxadão que não sabia o que era, o pior dos trabalhos agrícolas ;

e que aceitou sem rogos a primeira bucha com que lhe acenaram àquela mesma hora triste do morrer do dia, quando outro maltês de mãos finas foi espetado e morreu num madeiro para salvação dos homens, sem chegar a salvar ninguém, — calhou, foi talvez adrêgo, mas todos à uma sentiram piedade de si mesmos, de todos os malteses e de cada qual na pessoa daquele último que ali acabava de chegar. Foi comum oração aquêlê sentimento de todos êles. O que te espera, amigo! E com esta lembrança, livres de aguardente naquele momento, a cada qual veio à mente o filme das vidas passadas.

Como na legião estrangeira ali não se preguntava a ninguém donde procedia, que todos igualmente vinham do passado mais sombrio. Só por raras confidências vinham a saber alguma coisa uns dos outros. E foi por confidências que mais tarde se veio a saber tudo dêsse Mãos-Finas, que daí a poucos anos morreria no hospital da Santa Casa da Misericórdia de Alcácer. Naquele momento nada se sabia nem preguntava, e êle mesmo, fugido da polícia há semanas, perdida a família e tornado um pária, fora da lei para sempre, êle mesmo só com grande esforço mental poderia identificar-se com a pessoa dum recente guarda-livros chamado Manuel Martins. O Ex.^{mo} Sr. Manuel Martins de negregados débitos. Mas êsse homem morrera de todo — e ali, no Tinhoso, havia apenas nascido um maltês mais, como tantos.

Na enfermaria dos homens do hospital da Santa Casa da Misericórdia deu entrada um doente conduzido em maca. Fôra encontrado caído na berma da estrada,

perto da vila, numa ronda da guarda republicana. Nada mais se sabia dêle. Morreu três dias depois ao da entrada. Não chegou a dar a sua identidade; ninguém o conhecia, repudiou os santos sacramentos oferecidos pelas irmãs. Numa algibeira do casaco, uns restos de casaco que vestia ao entrar no hospital, encontrou-se-lhe um maço de papéis. Única fortuna. Após a sua morte, alguém os leu e divulgou.

Eis o escrito :

«Afinal não sou eu o mais desgraçado dos homens, como julgava; tenho aí companheiros mais infelizes. Porque é que isto me animou?! Só de encontrar desgraças maiores do que a minha, o que afinal nada veio diminuir-ma, porque sentia eu alguma coragem e conforto?! Se calhar sou pior que os outros, visto que me alegra — pois chega a alegrar-me — que êles tenham passado mais negras horas do que eu passei.

Esta caneta deram-ma no rancho onde primeiro trabalhei. Foi a melhor gente para mim. Não agüentava o trabalho e o capataz fêz-me escrevente e pôs-me em coque todos os dias. Coque foi só para me poupar do enxidão; lá arranjaram aquilo sem os mais refilarem, porque não era costume o coque ser sempre o mesmo. Mas não sei por quê todos engraçaram comigo logo de entrada, e quando viram o meu préstimo a escrever e para ler-lhes fados e os romances que alguns tinham, fui desde logo um menino bonito. Chamavam-me o «Mãos-Finas». Foi o que me valeu, senão teria de continuar calcurreando estradas e atalhos, e passando fome como até então.

Quando cheguei andava-se numa arranca. Arranca é desenterrar mato, pela raiz, com auxílio duma pesada enxada, meio enxada, meio picareta. Primeiro, êste mato, que em alguns pontos atinge maior altura que a dum homem, é derrubado com uma pesada ferramenta chamada roçadeira. Derruba-se à porrada, quebra-se violentamente contra o chão. Depois, com os enxadões, desenraíza-se rompendo o solo. Estas raízes são enormes e monstruosas cepas. Da lenha assim obtida, e que vai ficando para trás ao tempo, a secar, faz-se carvão, o bom carvão de cepa, serviço êste levado a cabo por especialistas, não pelos malteses. A terra limpa é mais tarde alqueivada e os donos fazem nela as melhores searas nos anos seguintes. O suor que tudo aquilo custa! — o inverno da arranca, o alqueive na primavera, à torra por todo o verão, e no inverno a seguir a lavoira de sementeira. Os malteses são os pioneiros desta continuada labuta, mas não tornam a tomar parte nela. Mal a mal nas aceifas, se o patrão está muito apertado de falta de pessoal. Ceifa de malteses! — só em grande apêrto, que os há. Tudo isto vim eu a aprender depois, um ano e outro passados na região. O que trabalha o pobre nessas terras! Arrotear, lançar a semente, acarinhar a planta com mondas e sachas, cortá-la e fazer a desgrana, à máquina, ou a malho; carregar a colheita em sacos, às costas, na eira para os carros e dêstes depois para os celeiros, algum dia novamente para carros e daqui para os barcos ou vagons quando sai de mão dos lavradores por boas notas de olho cego. Quantas vezes passam nas costas do pobre essas colheitas que lhe bebem o sangue! Pelas mãos e no lombo tôda a

riqueza lhes passa, mas nada fica agarrado. Não tem visco, não, para êle.

Nesse meu primeiro rancho ganhávamos por dia : um pão, cem gramas de arroz, cem gramas de toucinho, dois decilitros de grão ou feijão e três escudos. Os géneros vinham para a malta numa carroça da casa tôdas as semanas ; o dinheiro era pago aos sábados. À sexta-feira vinha o apontador tirar o ponto. Desde que cheguei êste ponto era obra minha : uma fôlha de papel almaço com relação dos nossos nomes — e que nomes — com os dias de trabalho de cada um. No escritório do patrão escreviam as férias a receber e por esta fôlha era feito o pagamento aos sábados. Diziam que em tempos cada maltês tinha «forras». Forras era cobrar a dinheiro o valor dos géneros que lhe pertenciam e deixara de consumir. Quem queria dinheiro apertava os furos ao cinto. Mas desde que veio a tal crise e os patrões custaram a vender os produtos, pelo menos ao preço que êles entendiam, as forras acabaram-se. Soube mais tarde dum patrão que obrigava todo o seu pessoal a gastar uns tantos géneros por cabeça e semana lá pelo preço que êle entendia.

Nunca vi o nosso casaca. Nos três meses que durou essa temporada não visitou o trabalho ; quem vinha amiúde era o feitor. Patrões chegam-se pouco a malteses, que os piôlhos são tantos que até voam para cima dêles, sem respeito. Em quartel de malteses apenas entram malteses — patrões, feitores, e até mesmo família do sítio têm rascunho de o fazer.

Naqueles três meses só poucos lavaram a cara ; havia umas pôças perto mas frio demais sentia o pes-

soal. E ninguém mudou de roupa. A gente muda roupa no verão ; lava-a nos pegos ou nalguma ribeira, e espera que seque ao sol. Fora do verão quem agüenta nu, ou mesmo embrulhado na manta quem a tenha, o tempo da roupa enxugar ?

Um ou outro, moços novos, ia à vila aos domingos, mas a maioria só perdíamos a jorna do domingo quando não deixavam trabalhar. Bondava os jornais perdidos da chuva quanto mais de passeio. Agora os moços sim, tinham dir à vila ! Lá deixavam, só num dia, todo o ganho de duas ou três semanas, e às vezes voltavam com moléstias. Outros governavam-se ca irmã da canhota. — Um dia, dois que foram à lenha para o fogão — à lenha para os lumes da noite ia-se nas nossas horas — encontraram uma mulher que andava às pinhas. Puseram-se logo à felga dela pinhal dentro. Não era nova, mas era mulher. Apertaram e ou por mêdo ou por gôsto deu orelha. Foi a rêgo cheio, e sem pagar. Depois disso vá dêles quererem ir sempre à lenha e no mesmo rasto, mas não apanharam mais caça. Contaram então à outra gente e ficou sendo uma esperança cá dentro, velhos e novos, pensarmos encontrar mulher que andasse às pinhas !

Nosso moiral era o Penas. Não era maltês, mas da família do sítio. Homem sério, só porque nunca se ria. Andava sempre encostado a uma forquilha de queimar tojeiros. Sabíamos bem que seria capaz de espetar com ela, sem mais aquelas, algum que lhe rilhasse o dente. Moiral de malteses tem de ser assim, não se estranha. Todos o respeitavam ; bastava saber-lhe a boa crónica, que me foi contada num serão.

Em novo fôra o terror do sítio. Com outros, um tal Cartaxana, o Gala-Peruas, o Pau-ferro e que tais, entravam em tôda a parte e armavam logo desordem. O Penas era o chefe. Onde estivessem, às duas por três levantava-se pancadaria de criar bicho. Foi prêso muita vez mas tinha bom padrinho, o sr. Paivas, que sempre o livrava. Certa ocasião atirou uma pedrada a uma mulher e quási a matou por adregar bater em sítio mortal. Foi julgado e custou a livrar porque os jurados não queriam ir pelos pedidos. A coisa esteve tremida e ao padrinho já saiu cara a protecção. Mas dentro de pouco tempo fêz outra e esta então foi desmarcada. Andava amigado com a velha Feca que gozava fama de ter o seu bago escondido. Como ela lhe não desse lá um dia quanto dinheiro exigiu, levou-a ao campo, bem longe, com qualquer pretexto, e aí não lhes conto nada : enterrou-a até ao pescoço e bateu-lhe tanto que a velha não resistiu. O nosso Penas pagou dessa vez por tôdas as atrasadas : até se dizia que a culpa da desgraça dêle tinha sido o padrinho que lhe dera asas com a protecção. Pagou por tôdas, foi ao degredo. Por lá andou vinte e tal anos, mas como era novo e rijo ainda voltou ao sítio. Voltou já quebrado por anos e mau passadio, mas mau como sempre e só mais dissimulado. Estava como toiro capado e amansado em muitas lavoiras.

Fizeram-no capataz da casa, dos malteses no inverno, de mondinas no verão, e no tempo das marinhas outra vez com malteses.

Um ano também fui às marinhas e lá andei com êle e a companhia de velhos colegas dêste meu primeiro rancho. Quando um trabalho acabava despedíamos

todos, cada qual para as suas voltas. Que voltas! — por aí, por essas estradas e furnas, por essas vendas. Depois tornávamos a encontrar-nos em qualquer trabalho seguinte. Éramos como um exército a mobilizar e a desmobilizar periódicamente, em concentrações de que se passava palavra.

Nas marinhas a jorna era de dez escudos a rer e de onze no carregó. Trabalho intenso, no mês de Setembro, na fôrça dos calores. Por causa da claridade solar multiplicada no branco do sal, que com a continuação acabava por tirar a vista, usávamos óculos de vidro prêto. Rer é juntar o sal nos pequenos muros, dentro das salinas, chamados marachas, com auxílio dum rôdo de madeira; e carrêgo é o seu transporte às canastradas, à cabeça, cá para cima, onde se fazem serras bem batidas e cobertas de caniço, ou logo para as embarcações atracadas junto à marinha, quando o vendem no cêdo.

Assim que se mexe nas marinhas, os mosquitos são aos milhões, aos milhões de milhões por tôda a região. Nas herdades, aldeias e vilas em redor, ai das pessoas, ai dos cavalos, dos bois, dos coelhos, ai de tôda a bichesa onde o mosquito encontre sangue. Pois que fará quem vive mesmo ali no meio dêles, não é verdade?! Tôdas as noites fazíamos grandes fumaradas para afugentar aquelas nuvens vivas, ávidas de sangue, que durante a noite vagueiam buscando comida e amor.

O último ano que andei nas marinhas aquilo não deu nada. Saíra uma contrata de lei para obrigar ao pagamento dum salário mais alto, mas já os trabalhos andavam na fôrça e a menos jorna. Os patrões não se obrigaram ao aumento e para não dar mais do que esta-

vam pagando despediram o pessoal todo. Foi pior ainda do que continuarmos a como andávamos porque logo nessa semana não ganhamos nada por não ter trabalho. Mais tarde deixaram-nos enregar à jorna da tal contrata, mas como haviam sido obrigados, só tiraram as «primeiras» que é o sal mais fino e que rende maior preço, e que se tira mais fácil, e as «segundas» já ninguém extraíu nesse ano. Costumávamos ter trabalho até ao fim de Outubro e apenas o tivemos, por isso, até fim de Setembro. A própria família do sítio ficou quielhada à mesma porque também lhes faltou trabalho. Como nesse ano a azeitona foi pouca e a bem dizer não se fizeram enterreiras, o desemprego adiantou-se um mês. Foi êsse mês das marinhas, a menos nos trabalhos da região, obra da tal contrata. Favores a pobre são sempre assim.

Quando entrei na malta perguntava a mim mesmo : que gente é esta, porque é que andam aqui ?

No rancho havia de tudo, novos e velhos, rurais de tôda a vida, operários, e até alguns que haviam tido pequenos negócios ou o seu bocado de terra ; havia gente assomadiça, de rilhar o dente à mais pequena coisa, que bem se via tanto se lhe dar espetar a navalha na barriga doutro qualquer como pisar uma formiga, mas também havia gente mansa, mole e humilde que talvez apenas por isso houvesse descido àquela desgraça. ; Que gente é esta, por que existe um exército assim ? — perguntava eu a mim mesmo às vezes. ; Teriam todos a sua história negra como alguns que certos dias as contavam aos mais, não se sabe se por gabarolice ou

por desabafo de alma ? ; Ninguém escrevia nem recebia cartas, era tudo gente sòzinha no mundo ? ; Os novos já não teriam pais nem irmãos, os velhos não teriam filhos, mulheres, nem ao menos amigos ? Estariam todos como eu, desligados do resto do mundo, desenraizados, quebrados rente como velha árvore derrubada por cósmico vendaval ?

Só vim a saber quem eram os malteses e porque havia malteses daí a tempo, nas obras do canal do Pego do Altar. Mostrou-me um companheiro. Eu, um mãos finas e letrado, afinal jamais soubera nada do mundo. O que é o mundo e o que vale ensinou-mo êsse rapaz, e felizmente êle que sabe tudo e que ensina os outros malteses — e os malteses estão crescendo, crescendo que vai uma maré alta de malteses — felizmente êle que é novo e forte fica aí. Eu, cinqüentão e derreado pela vida, posso morrer. Apenas ao cabo desta áspera caminhada em que vim de roldão no meio de tantos, fui ciente do que me rodeava e lhe tomei consciência. Posso morrer, sim. Não importa, porque êsse que sabe tudo e ensina os outros aos serões, falando-lhes baixinho em volta dos lumes, não no ouçam os capatazes ou algum vendido, êsse que é novo e nada teme, aí fica com o seu grande A B C para realizar em breve.»

ÍNDICE

	Pág.
Nota prefacial	5
Piquenique	9
Tribunal	17
O balho	23
Tangente	31
José Pedro	35
Maldito rouxinol!	41
Nasceu um maltês!	47

●
Assine e
propague
os

**Cadernos
Azuis**

4 cadernos,
10\$00

2 — 6\$00

Shi

NESTA COLECÇÃO

BREVEMENTE:

CADERNOS DE:

Duarte Pires de Lima

Afonso Ribeiro

Eugénio Freire

José Sousa Monteiro

João Pedro de Andrade

João Alberto

Armando Ventura Ferreira

António Ramos de Almeida

Agostinho da Silva

Luís Vieira

Eduardo Reis

Júlio Gesta

Manuel de Azevedo

João Campos

António de Figueiredo

Abel Salazar, etc.

CONTENDO: Ensaíos sôbre arte, literatura; estudos de economia, história; literatura de ficção; divulgação científica e filosófica; pedagogia, etc.



CADERNOS AZUIS

Direcção de MANUEL DE AZEVEDO

55, LARGO DOS LÓIOS, 56

PÓRTO

PREÇO

3 \$ 0 0

Imp. Portuguesa. - Porto

Shi